



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**WENDELL ASSIS DE ALMEIDA**

**ANÁLISE DE ABORDAGENS DA VARIAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA  
PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

**WENDELL ASSIS DE ALMEIDA**

**ANÁLISE DE ABORDAGENS DA VARIAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA  
PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação para  
obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

A447a Almeida, Wendell Assis de.  
Análise de abordagens da variação lexical da língua portuguesa no livro didático do 6º ano do ensino fundamental II / Wendell Assis de Almeida. - Cajazeiras, 2019.  
38f. : il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.  
Monografia (Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2019.

1. Língua portuguesa- história. 2. Variação lexical. 3. Latim. 4. Livro didático. 5. Ensino fundamental II. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 811.134.3(091)

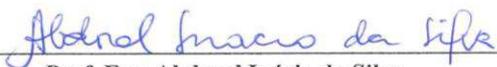
WENDELL ASSIS DE ALMEIDA

ANÁLISE DE ABORDAGENS DA VARIAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA  
PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II

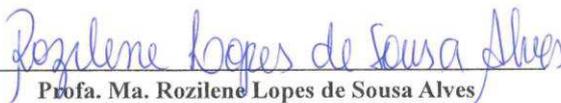
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciado em  
Letras.

Aprovado em: 21/06/2019

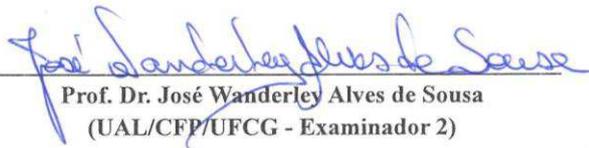
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, autor da vida;

A minha esposa Adriana, minha fonte de apoio;

As minhas filhas Anne Beatriz e Maitê, inspiração.

PARA SEMPRE, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa diariamente com o seu amor infinito.

A minha família e principalmente a minha ilustre esposa Adriana, que ao longo dessa jornada me deu não só força, mas o apoio costumeiro para vencer essa etapa da vida acadêmica. Obrigado, meu amor, por suportar as crises de estresse e minha ausência em diversos momentos.

As minhas filhas Anne Beatriz e Maitê, fontes de inspiração para os momentos mais difíceis.

A todos os professores (as) que acompanharam a minha trajetória acadêmica e deram apoio em sala de aula. Obrigado pela incansável dedicação, confiança e por tudo que me foi proporcionado, por todo o aprendizado adquirido, tanto pessoal quanto profissional.

Ao orientador Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, a quem tenho muito apreço, pois a gentileza, a dedicação, a humildade e o conhecimento foram fundamentais para o processo de construção desse trabalho.

Aos colegas de sala que proporcionaram grandes momentos e sempre solícitos, se dispuseram a ajudar em quaisquer situações.

Aos amigos e “Digressores” Lucas Pereira da Silva e José Wagner da Silva, pelos grandes momentos proporcionados e pela forte parceria firmada durante essa longa e árdua caminhada acadêmica, que ficarão para sempre conosco.

Ao amigo Marcus Paulo, por ser um grande incentivador, desde o início, sempre a contribuir, de forma generosa e solícita, para a nossa formação acadêmica.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse sonho.

## RESUMO

O propósito para a realização desta pesquisa é o de analisar o livro didático Português Linguagens, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do discente. Com o intuito de promover uma reflexão acerca da história da Língua Portuguesa, desde a sua gênese, o Latim. Tendo como objetivo geral evidenciar a importância da abordagem contextualizada referente à história da língua portuguesa e as variações lexicais ao longo tempo. Além disso, com os objetivos específicos de desenvolver uma fundamentação que trate da evolução lexical da língua; identificar as possíveis lacunas presentes no livro didático; e sugerir uma melhor forma de abordar o ensino na sala de aula. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, descritivo e qualitativo, fundamentado nos autores Assis (2011), Coutinho (2011), Ilari (2006), Basso (2010), Teyssier (2001) dentre outros que também foram de suma importância para a consolidação desta pesquisa. Contudo, após a análise realizada no livro didático, fica claro que a abordagem empregada pelos autores é lacônica ao tratar da contextualização histórica e evolução da língua portuguesa ao longo do tempo. Assim, sendo, mesmo que o(s) leitor (es) tenha (m) um conhecimento prévio sobre o tema, fica nítido que o livro didático analisado apresenta algumas lacunas, no que se refere à contextualização histórica e variação lexical da língua portuguesa, e não pode e nem deve ser empregado como o único meio de fonte de pesquisa.

**Palavras-chaves:** Latim. Língua Portuguesa. Variações Lexicais. Livro didático.

## ABSTRACT

The research developed aims to analyze the textbook *Portuguese Languages* from the student copy by the 6<sup>th</sup> level of basic teaching II, written by Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães. Then, the work promotes a reflection about the History of the Portuguese Language since its beginning, the Latin. Therefore, the general objective is to analyze about the need for a contextualized approach regarding to the history of the Portuguese Language and the lexical variations over time. Furthermore, the research has as specific objectives to develop an explanation that deals with the lexical evolution of the language; to identify the possible gaps presents in the textbook; and to suggest a better way to approach the classroom teaching. It is a work with a bibliographic, descriptive and qualitative stamp, based on the following writers: Assis (2011), Coutinho (2011), Ilari (2006), Basso (2010), Teyssier (2001) among others that also were great important for the consolidation of this research. However, after the analysis made about the textbook, it was observed that the approach used by the authors is laconic when they explore the historical contextualization and the evolution of the Portuguese language over time. Therefore, even if the reader(s) has(ve) a previous knowledge about the theme, it is evident that the textbook analyzed presents some gaps in relation to the historical contextualization and the lexical variation of the Portuguese language, and it cannot and it must not be employed as the only alternative for source of research.

**Keywords:** Latin. Portuguese language. Lexical Variations. Textbook.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Pl.....	18
Figura 2 - Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.....	20
Figura 3 - Capa do LD.....	26
Figura 4 - Sumário: Unidades 1 e 2 do LD.....	27
Figura 5 - Sumário: Unidades 3 e 4 do LD.....	27
Figura 6 - Sumário: Unidades 4 do LD.....	28
Figura 7 - Apresentação do Capítulo 2 do LD.....	29
Figura 8 - A língua em foco / As variedades linguísticas.....	29
Figura 9 - Questionamentos.....	30
Figura 10 - Gênero tira e perguntas.....	31
Figura 11 - Tipos de variação linguística.....	33
Figura 12 - A LP no mundo.....	33
Figura 13 - Semântica e Discurso / Questionamentos.....	34
Figura 14 - Filmes em Portugal / Recorte português lusitano e brasileiro.	35
Tabela 1 - Terminação do latim clássico.....	16

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- CFP - Centro de Formação de Professores
- LD - Livro Didático
- LP - Língua Portuguesa
- PI - Península Ibérica
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 AS ORIGENS DA LÍNGUA LATINA.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CHEGADA DOS ROMANOS À PENINSÚLA IBÉRICA .....</b>	<b>18</b>
2.1 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL .....	21
2.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DOS JESUÍTAS .....	24
<b>3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A motivação encontrada para a abordagem do tema em questão se deu a partir da verificação de eventuais lacunas referentes às informações fornecidas nos livros didáticos (LD) de turmas do 6º ano de ensino fundamental II, acerca da história da Língua Portuguesa (LP) no que diz respeito à variação lexical ao longo do tempo.

Sabe-se que é de fundamental importância obter o mínimo de conhecimento sobre a gênese da sua língua, por isso, um meio extremamente propício para a divulgação, exploração e ensinamento dessa temática se dá por intermédio do LD, uma ferramenta que está presente na vida de todos e quaisquer discentes, desde o primeiro ingresso à escola. Nessa perspectiva é importante que o aluno obtenha o domínio do léxico, como também, saiba utilizar a variedade linguística adequada para ser um leitor e conhecedor crítico da língua materna.

A partir dessa reflexão é que se desenvolveu a seguinte problemática: O LD do 6º ano do ensino fundamental II trata de forma satisfatória a história da língua e a variação do léxico ao longo do tempo?

A fim de respondê-la, a presente pesquisa foi pautada no LD: Português Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva, 2015, aplicado no 6º ano do ensino fundamental II. O seu objetivo geral, evidenciar a importância da abordagem contextualizada referente à história da língua portuguesa e as variações lexicais ao longo do tempo. Para tal, elaboraram-se os seguintes objetivos específicos: desenvolver uma fundamentação que trate da evolução lexical na língua; identificar as possíveis lacunas presentes no LD; e sugerir atividades contextualizadas, a partir da história como uma forma de abordar o tema na sala de aula. Tendo em vista que são conhecimentos necessários e que devem estar arraigados aos discentes, de forma a não limitá-los apenas às informações trazidas no LD.

A metodologia empregada é de cunho bibliográfico e que, de acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica tem caráter pessoal, pois se apoia em documentos impressos como livros, por exemplo. Essa pesquisa se dá através de teorias trabalhadas por outros pesquisadores já mencionados e utilizados ao longo da construção deste trabalho. Dessa forma, com a ótica de outros autores, dará uma colaboração para pesquisas futuras.

A abordagem será qualitativa, de natureza analítica descritiva. Para Rodrigues e Limena (2006), a pesquisa qualitativa não tem como objetivo avaliar dados estatísticos. É empregada para analisar problemas que não envolvem quantidade. Nesse processo são elaborados conceitos diante de alguns fatos, visando à construção da realidade.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos: o primeiro versa a respeito das origens da Língua Latina e seus dois aspectos cada vez mais distintos tanto na fala quanto na escrita, o Latim Clássico e o Latim Vulgar; além das diversas mudanças que ocorreram no decorrer do tempo.

O segundo capítulo trata da chegada dos romanos à Península Ibérica (PI), a chegada dos portugueses ao Brasil e o ensino da LP a partir dos Jesuítas.

No terceiro capítulo há a realização da análise do LD, Português Linguagens, na busca pela melhor forma para se responder aos objetivos traçados em torno dessa pesquisa. Por último, apresentamos as considerações finais.

## 1 AS ORIGENS DA LÍNGUA LATINA

O latim era a língua falada na região central da Itália, chamada de Lácio, durante o primeiro milênio a.C. e que, juntamente com o Império Romano, estendeu-se por grande parte da Europa, como por exemplo, na PI, região na qual está situado Portugal, pelo norte da África e por diversas regiões da Ásia, até se transformar, através do curso natural das línguas, em dialetos incompreensíveis entre si, que acabaram dando origem às línguas românicas. O percurso que o latim trilhou até se diferenciar em línguas românicas foi longo, especialmente porque a língua da qual resultou os romances e as línguas românicas modernas não foi o mesmo latim que chamamos de clássico, hoje. Mas o latim falado pelas pessoas incultas, comuns, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, e que utilizavam no dia a dia, nas mais diversas interações: o chamado latim vulgar. O latim vulgar não sucede o latim clássico, ou seja, de ordem cronológica, senão social.

O latim possuía, conforme (Coutinho, 2011), dois aspectos que com o transcorrer do tempo, se tornaram cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Não se tratando de duas línguas diferentes, mais dois aspectos diferentes da mesma língua. As suas relações muitas vezes eram abordadas como o latim escrito e o falado.

Ambos os aspectos, clássico e vulgar, refletem duas culturas que conviveram em Roma: a de uma sociedade fechada (aristocrata); e a outra: uma sociedade aberta a todas as influências (plebe).

Coutinho conceitua as duas vertentes do Latim:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. [...]. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente (COUTINHO, 1976, p. 29-30).

A discrepância entre o latim clássico e o vulgar, citados pelo autor, está basicamente centrada no meio em que são empregados, no modo como são abordados e qual o público alvo, já que o primeiro, o clássico, é utilizado como o “padrão” a ser seguido, e o segundo, o vulgar, trata-se de variações decorrentes do convívio entre as diversas pessoas de classe social inferior, cidadãos comuns, sem instrução, apenas os usuários da língua falada.

O latim clássico se caracterizava pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo e era utilizado nas escolas, igrejas e pelos eruditos. Considerada como uma língua rígida, parada e que não retratava a vida. Segundo Coutinho (2011), por esses motivos, o latim clássico não refletia a vida trepidante e mudável da língua do povo, permanecendo por tanto tempo, mais ou menos estável.

As palavras, no latim clássico, eram divididas segundo as terminações, em cinco grandes grupos, chamadas declinações: I - ae, II - i, III - is, IV - us, V - ei, mas no latim vulgar foram reduzidas a três, devido às semelhanças que havia entre as suas desinências casuais (1ª e 5ª; 2ª e 4ª). Isso provocou confusão, pois alguns substantivos da quinta (ei) podiam também ser declinados pela primeira (ae). Por exemplo: luxurieis, **ei**, ou luxuria, **ae**. Com os substantivos da quarta (us) e da segunda (-i) o mesmo se verificava, como nos exemplos: domus, **us**, ou domus, **i**. Além disso, gerou-se falta de clareza tanto aos que estudavam a língua escrita, bem como aos que utilizavam apenas a língua falada, a mais exigida pela frequência, quantidade de usuários e variações existentes.

No que tange à função sintática, era dividida em seis casos (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo) esses correspondentes às possibilidades distintas em que uma palavra (substantivo) poderia exercer numa oração. Com o passar do tempo e a evolução do latim, esses seis casos foram reduzidos para apenas dois casos (o nominativo e o acusativo), devido ao uso mais frequente da partícula (preposição) e a ordem analítica que extinguiu e substituiu as desinências de caso pela fórmula engessada de ordenação dos termos da oração, sujeito-verbo-objeto, além de fazer também o uso de artigos, estes, inexistentes em latim. O nominativo correspondendo ao caso reto (sujeito). Já o acusativo, ao caso oblíquo (complementos). As demais funções que eram inerentes aos outros casos extintos, ficaram sob a alçada do acusativo com preposição. Essa ordem predominava na língua vulgar do povo romano, que passou às línguas novilatinas.

Em seguida, houve mais uma redução de (dois) para apenas (um) caso, que de acordo com Coutinho (2011), essa redução dos casos a (um) justifica-se mais como um fenômeno sintático de que fonético.

Ex: Liber Petri. Identificava-se a função pela terminação, no caso Petri, exerceria a função de ajunto de posse. Isto no latim clássico. Já no latim vulgar a estrutura passou a ser: Libru de Petro. Agora a indicação de posse é pelo uso da preposição.

O acusativo é quem sobrevive na PI, dando procedência às palavras de nossa língua. Por isso, quanto à formação do léxico, o caso mais importante, chamado lexicogênico, pois dele se forma a maioria das palavras da LP. Além disso, a indicação do número (singular\plural). De acordo com (Coutinho 2011), o nominativo que era o caso do sujeito desaparece, sendo substituído pelo acusativo. Por exemplo: *rosam* (acusativo singular), nesse caso o (*m*) desaparece e obtemos assim a forma no singular *rosa* (*m*). E no plural o acusativo já se concluía em (*s*). Exemplo: *rosas*. Isso é um fato que acontecia em todas as declinações.

Para demonstrarmos como as palavras da língua portuguesa são formadas predominantemente pelo acusativo, temos o exemplo: *veritas* (nominativo singular), *veritatem* (acusativo singular). Verificamos assim, que a palavra *verdade* não se origina do nominativo singular, mas do acusativo, havendo a supressão do (*i*) intervocálico e sonorização da consoante (*t*). Ainda segundo (Coutinho, 2011), outros casos deixaram marcas no léxico da LP, como por exemplo, os nomes próprios (Lucas) que procederam do nominativo; do genitivo (agricultura); do dativo (crucifixo) e no ablativo, alguns advérbios (agora, talvez).

Outro fator relevante na formação do léxico foi o desaparecimento do gênero *neutro*, que incidiu para a língua portuguesa em substantivos do gênero masculino (*tempus* = *tempo*) e do gênero feminino (*vestmentum* = *vestimenta*). Esse fator se justifica porque o *neutro plural* no Latim termina em (*a*) no nominativo, acusativo e vocativo.

Já no tocante às palavras, elas se dispunham na frase, em latim vulgar, segundo a ordem natural da elaboração do pensamento, ou seja, sujeito + verbo + objeto ou predicativo, divergindo do latim clássico. Com o passar do tempo e a manutenção dessa sequência quase que invariavelmente, essa função acabou por se fixar na frase. Sendo assim, não havia mais a necessidade da manutenção de dois casos.

Ao longo do tempo o latim sofreu inúmeras modificações no contato com as línguas faladas na península, a ponto de constituir-se numa língua específica, portuguesa.

No latim clássico literário existiam quatro conjugações que eram reconhecidas pelas terminações dos infinitivos:

Tabela 1 – Terminação do latim clássico

CONJUGAÇÃO			
1ª	2ª	3ª	4ª
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Fonte: Bagno (2007, p. 32).

Já para o latim vulgar, havia apenas três conjugações, pois a 2ª (-ēre) e a 3ª (-ĕre), esta última, considerada mais pobre, apresentavam entre ambas, algumas dúvidas quanto às terminações verbais e assim, foi abolida da PI, com exceção aos verbos com terminação em (-ire). No entanto, para o português brasileiro, além dos verbos engessados e originários do latim, surgiram algumas formas distintas e particulares para expressá-los, o uso, por exemplo, do verbo auxiliar. É o que mostra o trecho abaixo:

Ao lado das vozes do verbo que as gramáticas incluem sistematicamente no paradigma da conjugação, o português desenvolveu uma série de perífrases verbais, formadas por meio de um verbo auxiliar. Isso amplia bastante — muito além daquilo que as gramáticas sugerem — as possibilidades de utilizar as bases verbais disponíveis na língua. Considerem-se, por exemplo, as formas (se eu) *telefonasse*, (eu) *telefonarei*, (eu) *tenho telefonado*, (eu) *vou telefonar*, (eu) *acabo de telefonar*, (eu) *estou telefonando*, (eu) *vou estar telefonando*, (eu) *dei uma telefonada*. [...]. Ao contrário, interessa perceber que todas essas formas aproveitam uma mesma base lexical e que seu uso é particularmente freqüente (sic): *estou telefonando* é a forma mais usada para descrever uma ação simultânea à fala (é o verdadeiro presente do indicativo do português do Brasil) e resulta de um processo de formação semelhante ao que deu origem a *terei telefonado* que, embora seja registrado pelas gramáticas, tem uma freqüência (sic) de uso praticamente nula (ILARI; BASSO, 2006, *apud* BAGNO, 2007, grifo do autor).

Segundo Basso (2010), que também trata sobre a perspectiva da evolução histórica da língua, ao dizermos que o português é uma língua latina,

automaticamente indicamos a filiação do português ao latim e também a outras línguas românicas, isto é, às línguas que têm como origem o latim, como é o caso do espanhol, italiano, francês, dentre outras.

Para o autor:

Do ponto de vista de sua estrutura gramatical e de seu léxico, dizer que o português é uma língua latina significa dizer que encontramos no latim as palavras que deram origem ao léxico do português, mas também que encontramos certas características sintático-morfológicas específicas do latim e das línguas românicas no português (BASSO, 2010, p. 11).

Diante do exposto acima, podemos inferir que a língua latina pode ser considerada a língua mãe do nosso português, mas também ampliando um pouco mais a nossa óptica sobre o tema, poderíamos questionar sobre a sua gênese. E a partir daí, verificarmos que não só a língua latina tem influência sobre a portuguesa, há fatos e línguas bem mais vestutos e que não temos tantas teorias e embasamentos para formalizarmos uma única opinião e conseqüentemente, cravarmos uma única origem da nossa língua. Nesse sentido, teríamos que nos referir ao indo-europeu, por exemplo, mas não é o objeto de análise da nossa pesquisa.

Consoante Coutinho (2011), a princípio o que se existia era simplesmente o *latim*. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário que passa a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornaram cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o português é o próprio latim modificado. “[...] É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mais continua a viver, transformado, no grupo de línguas *românticas* ou *novilatinas*” (COUTINHO, 2011, p. 46, grifo do autor).

O latim, deveras não está “morto”, mesmo não tendo nenhuma nação a utilizá-la de forma oficial, como língua materna, exceto o Vaticano. Pois, até os dias atuais, é comumente utilizado nos mais diversos segmentos das sociedades principalmente em nosso país, por exemplo, na qual o latim é empregado em diversas expressões cotidianas do tipo: *In loco* = no local, *a priori* = a princípio, *Et cetera* (etc) = e outros, *curriculum vitae* = trajetória de vida, *modus operandi* = modo

de agir. Além disso, na publicidade o que está associado ao latim é tratado com maior ênfase e maior status, traz certa credibilidade, uma visibilidade diferenciada.

## 2 CHEGADA DOS ROMANOS À PENINSÚLA IBÉRICA

Os romanos ao chegarem à PI (Figura 1), conseguiram implementar de forma engenhosa, a sua maneira de civilizar os territórios conquistados. Pois, realizavam as mudanças de modos sutis em todos os seguimentos dos povos conquistados, desde a reorganização do comércio local, os serviços de correios e o militar. Além disso, construíam escolas com a finalidade de inserir o seu idioma, o Latim, como língua oficial em todas essas áreas e segmentos da sociedade.

Figura 1 – Mapa da PI



Fonte: <https://goo.gl/images/q7SYVw>

Com essa forma de gerir, introduzindo o latim como o principal veículo de comunicação, os romanos disseminaram, paulatinamente, tanto a língua quanto os seus costumes, fazendo com que a PI chegasse ao século V d.C. plenamente inserida no contexto romano, quer seja politicamente, obedecendo ao Império Romano, quer seja linguisticamente, utilizando a língua, o Latim.

A România, nome dado ao território que foi ocupado pelos romanos, era constituído de várias províncias, como a Hispânia, a Gália, a Itália, e a Dácia, que

permaneceram integradas à unidade imperial até o século V d. C., período no qual o Império Romano caiu.

A língua que passou a ser empregada, o Latim Vulgar, pelos romanos conquistadores dessa região, Península Ibérica, suplantou às demais línguas primitivas dos povos que lá habitavam, sob influências dos resquícios céltico, ibérico e ligúrico.

A romanização foi condicionada por fatores diferentes, como o prestígio de Roma e a dispersão das tribos. Esse período do contato entre hispânicos e romanos pode ser dividido em três fases, que consistem em um momento inicial de *expectativa*, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de *marginalidade*, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a *vitória* da cultura romana, em que ocorre a romanização (ASSIS, 2011, p. 6, grifos da autora).

Consoante o que a autora pontua acima, pode-se observar como fora um período conflitante a introdução da nova cultura, a romana, às já existentes no território. Aspectos como o respeito à reputação dos romanos, passando pelas intempéries dos primeiros contatos com o novo, para ambos, seguindo pelos choques culturais e a adaptação aos novos idiomas até a consolidação de toda cultura colonizadora.

No século II a.C, após longas e duras batalhas, as legiões de Roma ao conquistarem a Hispânia, conseguiram instituir o Latim na PI, tornando-o um agente crucial para a formação da língua portuguesa. Logo em seguida, esses povos da Península adotaram o Latim como língua e tornaram-se também seguidores do cristianismo. A única exceção à mudança foi linguística.

A divisão territorial da PI se deu no século I a.C, dividindo-se, inicialmente, em duas grandes províncias, a Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior. A primeira, mais próxima do território romano, teve sua entrada pelo norte, formada pela Tarraconense, depois dividida em Galaecia, Tarraconense e Cartaginense, habitadas pelos Celtiberi, Carpetani, Oretani, Arevaci, Vaccae e Galecci: resultando assim o Catalão e o Espanhol. A segunda, mais distante, com sua entrada pelo sul, formada pela Bética e pela Lusitânia, e povoada pelos Verrones e pelos Lusitani: desse curso surgiram o Galego e Português (Figura 2).

Figura 2 – Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior



Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>

Foi de forma gradativa, aos poucos, que ocorreu a romanização da Península Ibérica com a utilização e a imposição da língua latina, ao dominar os territórios e causar praticamente o desaparecimento das línguas nativas. “Nesse quadro de mistura étnica, o latim apresentava feições particulares, mesclado de elementos celtas e ibéricos, basicamente no vocabulário” (ASSIS, 2011, p. 6).

Mesmo com a invasão e o domínio dos árabes, no século VIII d.C., também conhecidos como os mouros, vindos do Norte da África, pelo estreito de Gibraltar, não conseguiram impor totalmente à península a sua cultura, língua, raça e religião, muito discrepantes. Com isso, proporcionou uma enorme tolerância religiosa e política, o que não impediu, nesse período de dominação árabe, que a península, de acordo Assis (2011, p. 8), tivesse um “[...] surto de desenvolvimento nos campos da ciência, das artes e das letras; filosofia, medicina, matemática, história, agricultura, comércio e indústria”.

As regiões conquistadas pelos árabes, desde 711, adotavam o árabe como língua oficial, mas mesmo com essa imposição, a população tanto se utilizava do Latim nas relações familiares, quanto o adotava como a língua oficial.

## 2.1 A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO BRASIL

Portugal foi precursor na expansão marítima por associar alguns fatores políticos, sociais, econômicos e técnicos que propiciaram a busca por novas rotas de comércio com os mercados orientais. Aliada a isso, sua posição geográfica privilegiada no continente europeu, facilitava o acesso ao oceano Atlântico, um espaço marítimo desconhecido pela maioria dos demais povos europeus. A grandiosidade da expansão marítima portuguesa se deu de forma gradativa, entre 1498 e 1543, com a tentativa de contornar o continente africano para chegar ao Oriente. A estratégia era contornar, de modo gradativo, esse continente, bem como se estabelecer e usufruir das riquezas das regiões em que fizessem as paradas e assim, estabelecer as novas colônias. Com essa tática, os portugueses finalmente chegaram às Índias em 1498, com um forte poderio econômico, pois obtivera grande lucro com as especiarias adquiridas e os negócios realizados ao longo dessas navegações. Sendo eles responsáveis por uma nova rota de comércio e uma grande parcela de avanços tecnológicos e culturais à época.

Em abril de 1500, marca a chegada de Pedro Álvares Cabral à costa brasileira, tomando posse em nome do rei D. Manuel de Portugal, mas a colonização se inicia em 1532 com a atribuição das 15 capitanias hereditárias, a LP é introduzida no Brasil. A princípio, a colonização se deu apenas pela região litorânea, com a criação da cidade de São Paulo. Em seguida, adentrando ao interior, norteados pela enorme quantidade de matéria-prima, madeira, para a lenha, e a utilização dos campos para o plantio da cana-de-açúcar. Mais tarde, no século XVII, o território que hoje conhecemos com o estado de Minas Gerais, começou a ser povoado graças à exploração do ouro.

Ao longo do período colonial, duas capitais brasileiras, Recife e Rio de Janeiro, foram utilizadas apenas para o preenchimento das lacunas existentes nos âmbitos político e administrativo, já que nessa época não havia universidade no Brasil e conseqüentemente os níveis intelectuais e culturais se mostravam exíguos. Aos que detinham às condições financeiras, à época, o caminho a ser percorrido levava-os até às universidades estrangeiras, Coimbra, Portugal, por exemplo. Adiante, com a importação de escravos africanos, pelos portugueses, a população brasileira do período estava disposta numa tríade, os índios, os portugueses, com uma menor parcela de contribuição cultural, e os escravos.

No que diz respeito à comunicação, os portugueses encontraram dificuldades para se comunicarem com os habitantes dessa terra. A partir daí, deram início a um fluxo de intenções relacionadas ao povo local, principalmente no que concerne ao ensino da língua colonizadora. Pois, as que aqui eram faladas, foram vistas como uma forte barreira, do ponto de vista linguístico, para a dominação, por isso, “os portugueses passaram a ensinar o povo indígena a falar e a escrever em português, para que a ele fosse transmitida a fé e os costumes dos brancos, facilitando dessa forma, o processo de dominação” (GOULARTE, 2016, p. 1).

Nesse período, os índios eram os povos dominantes, havia cerca de um milhão deles, com aproximadamente 350 línguas distintas. A comunicação entre as tribos era feita por intermédio de uma “[...] língua franca, ‘fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade está em ter muitas composições” (RODRIGUES, 1983 *apud* ASSIS, 2011, p. 23).

Diante da enorme variedade de línguas existentes no país e conseqüentemente da grande dificuldade de comunicação e inserção dos moldes do colonizador, tendo o tupi como a principal língua falada, Assis pontua o seguinte:

Por considerarem que a variedade de línguas impedia a conversão, os jesuítas procuraram aprender o tupi, um tupi simplificado, despojado de seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos, “*para se adaptar à consciência linguística dos brancos*” (CÂMARA JR., 1975 *apud* ASSIS, 2011, grifo da autora). Essa língua foi estudada, fixada em catecismos, dicionários e gramáticas e institucionalizada como língua de contato entre colonizadores e índios. Surgiu então a expressão *língua geral*<sup>1</sup>, de base tupi que indicava a língua de uso mais extenso numa região, e mesmo usada por grupos falantes de outros idiomas, e que durante muito tempo viveu lado a lado com a língua portuguesa. O tupi era utilizado pelos bandeirantes pelas famílias de portugueses e índios. A língua geral predominava, sobretudo, em São Paulo e no Amazonas, enquanto na costa, ensinado nas escolas, o português se impunha (ASSIS, 2011, p. 150, grifos da autora).

Apesar da predominância da língua geral, para alguns estudiosos havia mais uma língua geral. É o que Rodrigues (1983) e Elia (1989), conforme citado por Assis (2011), apontam: a existência de duas línguas gerais; a língua geral do Sul (ou paulista) e a língua geral do Norte (ou amazônica). A seguirmos sob esse entendimento, a partir do século XVIII com uma maior incidência de indígenas e o bilinguismo, as línguas gerais foram enfraquecendo de forma gradual até serem

substituídas pela língua portuguesa. Essa decadência da língua geral pode ser explicitada por meio de duas interpretações. A que expõe Castilho (1982 *apud* ASSIS, 2011) como uma das causas dessa substituição à extrema fragmentação do quadro linguístico. Já Teyssier (1994 *apud* ASSIS, 2011) acrescenta outras causas para essa decadência; a chegada dos imigrantes portugueses; o diretório do Marquês de Pombal, proibindo o uso da língua geral e obrigando o uso oficial da língua portuguesa e a expulsão dos Jesuítas.

Acerca do Marquês de Pombal e suas atitudes parciais, podemos observá-las no trecho abaixo:

O alvará do Marquês de Pombal proibia o uso da língua geral, que passou a ser encarada pelos conquistadores como “*invenção verdadeiramente abominável e diabólica*”, e, ainda, decidia que tipos de penalidades deveriam ser aplicados aos que permanecessem falando a língua geral, penalidades que variavam de acordo com o grupo social a que pertenciam. As decisões do Diretório se aplicaram primeiro ao Pará e ao Maranhão e, em seguida, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, a língua geral perdia seus principais protetores (ASSIS, 2011, p. 40, grifo da autora).

Perante o exposto acima, podemos perceber as intenções do Marquês de Pombal, que eram além de enfraquecer os seus opositores em todos os aspectos, ampliar ainda mais o poderio português, política, econômica e culturalmente. E para isso, a principal ferramenta a ser utilizada a fim de lograr êxito, era a de conduzir e monopolizar a comunicação à sua maneira.

Após a chegada do príncipe D. João VI juntamente com a família real em 1808 ao Brasil, motivada pela tentativa de se refugiarem, após as invasões francesas ao seu país, Portugal, até a independência em 1822, ocorreram segundo Assis (2011, p. 153):

[...] profundas mudanças políticas e sociais no Brasil. [...], fatos novos, como a abertura dos portos e a criação de novas instituições, a exemplo da imprensa, contribuem para a ‘relusitanização’ do português falado no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, que se tornou a capital do “Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve.”

Acerca desse tema, Teyssier (2001) relata que ao chegar ao território brasileiro, D. João VI faz do Rio de Janeiro a Capital da monarquia de Bragança,

que antes era Salvador, abrindo o país ao exterior, o que acelerou o progresso material e cultural do Brasil. Ao retornar a Portugal em 1821, deixa a colônia pronta para a independência.

Já na segunda metade do século XVIII, a língua portuguesa começa a imperar sobre as demais. Mas, esse domínio não foi obtido de forma simples e amena, é o que Rodrigues (1983 *apud* ASSIS, 2011) relata logo abaixo: A vitória da língua portuguesa não se deu de forma tão pacífica ou tão fácil, mas custaram esforços, sangue, vidas.

## 2.2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DOS JESUÍTAS

O período no qual os jesuítas, representantes da Igreja Católica, tiveram a hegemonia do ensino brasileiro, se deu entre 1549, com a Companhia de Jesus, criando as primeiras missões, a fim de catequizar os povos indígenas, até 1759 quando eles foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal. De acordo com Basso (2010, p. 129) “o nheengatu foi a língua usada pelos jesuítas para a catequese e também pelos portugueses na conquista e nas relações com os habitantes do Norte do Brasil”.

Durante esse período de dominação dos jesuítas, ocorreram muitas e relevantes mudanças no tocante às estruturas culturais portuguesas. É o que relata a autora:

A língua já não era encarada apenas como um meio de transmitir uma mensagem, mas como objeto de estudo em si. O português, então, passou a ser analisado, descrito em suas características, através de cartinhas (cartilhas), vocabulários, dicionários e gramáticas (ASSIS, 2011, p.137).

Os jesuítas introduziram no Brasil uma estrutura de preceitos básicos, baseados no *Ratio Studiorum*, método de estudos, que estabelece uma formação intelectual e moral amparada nas virtudes religiosas, nos bons costumes e nos hábitos saudáveis à sociedade, estendendo-se às instituições escolares a contribuir também para a formação dos sacerdotes. Como os métodos são inerentes à educação, eles criaram parâmetros capazes de nortear as atividades de cunho

pedagógico dos professores, bem como as formas de organizar e administrar internamente as escolas jesuítas, a fim de propiciar uma formação homogênea, catequizar e educar o público alvo, os índios. Método que propunha uma educação integral do homem, partindo-se do pressuposto que ele pudesse dominar, no mínimo, os conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculo.

Logo após a expulsão dos padres jesuítas, o ensino deixou ter apenas o caráter religioso, havendo uma ruptura nesse processo histórico, já consolidado e arraigado como padrão educacional a ser utilizado. O estado passa a administrar a educação, de forma pública, já que não estava mais ligada à Igreja ou a quaisquer sistemas de ensino, seguiam às ordens da realeza.

As classes sociais, como os nobres e a burguesia, por exemplo, passaram a receber incentivos para desenvolverem os seus aspectos culturais, artísticos e científicos, ou seja, se tornarem mais intelectualizadas.

Diante do crescente desenvolvimento cultural e político, a partir do início do século XIX, no Brasil, foram criadas muitas escolas, colégios técnicos, academias e faculdades. Todos baseados e regidos pelo sistema de ensino introduzido pelos jesuítas, que começa a sofrer alterações em meados do século XX, com a introdução do livro didático, basicamente como o referencial teórico metodológico de ensino a ser seguido. Como iremos mostrar no capítulo a seguir.

### 3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo apresenta-se uma análise do LD intitulado *Português Linguagens*, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, relacionado ao 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do aluno.

Em relação à sua estrutura, é composto por quatro unidades, são elas: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu; Verde adoro ver-te. E cada unidade sendo subdivida em três capítulos. É composto por duzentas e setenta e duas (272) páginas em sua totalidade. Abaixo, seguem as figuras a demonstrar como estão dispostos os conteúdos no material, unidades, capítulos e sessões com seus respectivos títulos. Dessa forma, torna-se possível observá-lo, bem como as suas devidas propostas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

Figura 3 – Capa do LD



Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 4 – Sumário: Unidades 1 e 2 do LD

SUMÁRIO		UNIDADE 1 No mundo da fantasia	
<b>CAPÍTULO 1</b>		<b>Era uma vez</b>	
<i>As três penas, Jacob Grimm</i>		11	
<b>Estudo do texto</b>		14	
Compreensão e interpretação		14	
A linguagem do texto		16	
Cruzando linguagens		17	
Trocando ideias		19	
<b>Produção de texto</b>		18	
O conto maravilhoso		18	
<b>A língua em foco</b>		22	
Linguagem: ação e interação		22	
Linguagem verbal e linguagem não verbal		23	
Os interlocutores		23	
A língua		26	
A linguagem e os códigos		26	
O código linguístico na construção do texto		27	
Semântica e discurso		28	
<b>De olho na escrita</b>		29	
Fonema e letra		29	
Divirta-se		31	
<b>CAPÍTULO 2</b>		<b>Pato aqui, pato acolá</b>	
<i>O patinho boniffo, Marcelo Coelho</i>		37	
<b>Estudo do texto</b>		36	
Compreensão e interpretação		36	
A linguagem do texto		35	
Letra expressiva do texto		36	
Trocando ideias		36	
Ler é um prazer		37	
<b>Produção de texto</b>		38	
<b>A língua em foco</b>		39	
As variedades linguísticas		39	
Norma padrão e variedades de prestígio		40	
Variação linguística e preconceito social		41	
Falar bem é falar adequadamente		42	
Tipos de variação linguística		42	
As variedades linguísticas na construção do texto		43	
Semântica e discurso		43	
Divirta-se		45	
<b>CAPÍTULO 3</b>		<b>Ô princesal Jogue-me suas...</b>	
<i>Cartum, Mondillo</i>		53	
<b>Produção de texto</b>		53	
O conto maravilhoso: da oral para o escrito		53	
e do escrito para o oral		53	
Do oral para o escrito		53	
Do escrito para o oral		53	
<b>Para escrever com expressividade</b>		55	
O discurso: palavras no contexto		55	
<b>A língua em foco</b>		59	
Textos, discursos, gêneros do discurso		59	
A intencionalidade discursiva		60	
Os textos e os gêneros do discurso		61	
A intencionalidade discursiva na construção do texto		63	
Semântica e discurso		65	
Divirta-se		66	
<b>Passando o tempo</b>		67	
<b>INTERVALO</b>		Projetos: Histórias de hoje e sempre	
		71	
		<b>UNIDADE 2</b>	
		<b>Crianças</b>	
<b>CAPÍTULO 1</b>		<b>O fazendeiro da cidade</b>	
<i>Menino de cidade, Paulo Mendes Campos</i>		76	
<b>Estudo do texto</b>		78	
Compreensão e interpretação		78	
A linguagem do texto		78	
Letra expressiva do texto		80	
Cruzando linguagens		81	
Trocando ideias		82	
Ler é reflexão		82	
<b>Produção de texto</b>		83	
História em quadros III		83	
<b>A língua em foco</b>		91	
O substantivo		91	
Classificação dos substantivos		96	
O substantivo na construção do texto		97	
Semântica e discurso		98	
Divirta-se		98	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 5 – Sumário: Unidade 3 do LD

<b>CAPÍTULO 2</b>		<b>Entre irmãos</b>	
<i>A mala de Hana, Karen Levine</i>		99	
<b>Estudo de texto</b>		100	
Compreensão e interpretação		100	
A linguagem do texto		101	
Letra expressiva do texto		102	
Trocando ideias		102	
<b>Produção de texto</b>		102	
História em quadros III		102	
A linguagem dos quadros		102	
<b>Para escrever com adequação</b>		108	
O diálogo		108	
<b>A língua em foco</b>		111	
O adjetivo		111	
Classificação dos adjetivos		111	
O adjetivo na construção do texto		114	
Semântica e discurso		115	
<b>De olho na escrita</b>		118	
Digrafia e encontros consonantais		118	
Divirta-se		118	
<b>CAPÍTULO 3</b>		<b>Ensaio de vida</b>	
<i>Cubo-cego, Giovanni Battista Torriglia</i>		119	
<b>Produção de texto</b>		120	
História em quadros III		120	
Como se faz uma história em quadros		120	
<b>A língua em foco</b>		123	
Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número		123	
Flexão dos substantivos		124	
Flexão dos adjetivos		128	
A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto		129	
Semântica e discurso		129	
<b>De olho na escrita</b>		130	
Encontros vocálicos		130	
Divirta-se		132	
<b>Passando o tempo</b>		133	
<b>INTERVALO</b>		Projetos: Quadrinhos: eu também faço!	
		136	
		<b>UNIDADE 3</b>	
		<b>Descobrimo quem sou eu</b>	
<b>CAPÍTULO 1</b>		<b>No frescor da inocência</b>	
<i>Banhos de mar, Clarice Lispector</i>		140	
<b>Estudo de texto</b>		142	
Compreensão e interpretação		142	
A linguagem do texto		144	
Letra expressiva do texto		144	
Trocando ideias		144	
Ler é diverso		145	
<b>Produção de texto</b>		144	
O texto pessoal		144	
<b>A língua em foco</b>		148	
O grau dos substantivos e dos adjetivos		148	
Graus dos substantivos		149	
Graus dos adjetivos		150	
O grau na construção do texto		152	
Semântica e discurso		153	
Divirta-se		154	
<b>CAPÍTULO 2</b>		<b>O preço de pensar diferente</b>	
<i>Zu-sei Moisés, Malala Youssafzai</i>		155	
<b>Estudo de texto</b>		157	
Compreensão e interpretação		158	
A linguagem do texto		158	
Cruzando linguagens		159	
Trocando ideias		159	
<b>Produção de texto</b>		160	
A carta pessoal		160	
O diálogo		162	
<b>Para escrever com expressividade</b>		166	
A descrição		166	
<b>A língua em foco</b>		169	
O artigo		170	
Flexão e classificação dos artigos		172	
O artigo na construção do texto		173	
Semântica e discurso		173	
<b>De olho na escrita</b>		175	
Divisão silábica		175	
Divirta-se		177	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 6 – Sumário – Unidade 4 do LD

<b>CAPÍTULO 3 O eu que existe em mim</b>		
	Vestido de festa, Norman Rockwell	179
	<b>Produção de texto</b>	
	Os gêneros digitais e suas léxic, textos comentados	179
	O e-mail	179
	O blog	181
	O Twitter	181
	O comentário	181
	<b>A língua em foco</b>	
	O numeral	186
	Classificação dos numerais	187
	Flexão dos numerais	188
	O numeral na construção do texto	190
	Semântica e discursos	191
	<b>De olho na escrita</b>	
	Stato léxico e estado vívido	192
	Palavras ocultas, gramaticais e preparacionais	193
	Diálise-ve	194
	<b>Passando o tempo</b>	
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu também faço história	198
<b>UNIDADE 4 Verde, adoro ver-te</b>		
<b>CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?</b>		
	Tuão Criado no dedo, Rubem Braga	202
	<b>Estudo do texto</b>	
	Compreensão e interpretação	204
	A linguagem da imagem	205
	Tratado ideia	206
	<b>Produção de texto</b>	
	O artigo de opinião	209
	<b>A língua em foco</b>	
	O pronome	210
	Os pronomes e a coerção textual	211
	Classificação dos pronomes	220
	O pronome na construção do texto	221
	Semântica e discursos	222
	<b>De olho na escrita</b>	
	Acentuação (I)	222
	Acentuação das entenas e dos monossílabos tônicos	224
	Acentuação das preparacionais	225
	Diálise-ve	225
		
<b>CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro</b>		
	A longa lista dos condenados, revista Veja	228
	Quais são os animais amparados de extinção no Brasil, revista Época	227
	<b>Estudo do texto</b>	
	Compreensão e interpretação	229
	A linguagem dos textos	230
	Enunciado linguístico	232
	Tratado ideia	233
	<b>Produção de texto</b>	
	Para escrever com coerência e coesão	235
	A sintaxe e a coerção textual	236
	A coerção textual	235
	A coerção textual	236
	<b>A língua em foco</b>	
	O verbo (I)	239
	Conjugação	240
	Flexão dos verbos	241
	O verbo na construção do texto	242
	Semântica e discursos	247
	Diálise-ve	247
		
<b>CAPÍTULO 3 Natureza no museu</b>		
	Cartum, Mário Costa	250
	Leu e refletiu	252
	<b>Produção de texto</b>	
	A exposição oral e o cartum	252
	A exposição oral	252
	O cartum	253
	<b>A língua em foco</b>	
	O verbo (II)	258
	Os tempos verbais	258
	Modelos de conjugação verbal	260
	Semântica e discursos	263
	<b>De olho na escrita</b>	
	Acentuação (II)	264
	Acentuação (II)	265
	Diálise-ve	266
		
	<b>Passando o tempo</b>	
	<b>INTERVALO</b> Projeto: Eu e meu ambiente, estou no meio	267
	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	277

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

A pesquisa é embasada no conteúdo presente na Unidade I – **No mundo da fantasia**, capítulo II – **Pato aqui, pato acolá**, da página 39 a 43, além das páginas 49 e 50, pois elas tratam, mesmo que de forma superficial, sobre as variedades linguísticas, os tipos de variação linguística, preconceito social e as variedades de prestígio.

Ante o exposto apresentado acima, ainda é possível observar que, no livro didático, há menos de 10 páginas destinadas à variação linguística. Contudo, ele não traz apenas essa temática, apresenta também, por exemplo, os gêneros e a gramática. Nesse momento, a ênfase está centrada apenas ao conteúdo supracitado acima.

Figura 7 - Apresentação do Capítulo 2 do LD

<b>CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá</b>	
	<b>O patinho bonito, Marcelo Coelho</b> ..... 32
	<b>Estudo do texto</b> ..... 34
	Compreensão e interpretação ..... 34
	A linguagem do texto ..... 35
	Leitura expressiva do texto ..... 36
	Trocando ideias ..... 36
	Ler é um prazer ..... 37
	<b>Produção de texto</b> ..... 38
	<b>A língua em foco</b> ..... 39
	As variedades linguísticas ..... 39
	Norma-padrão e variedades de prestígio ..... 40
	Variação linguística e preconceito social ..... 41
	Falar bem é falar adequadamente ..... 41
	Tipos de variação linguística ..... 42
	As variedades linguísticas na construção do texto ..... 47
	Semântica e discurso ..... 49
	<b>Divirta-se</b> ..... 50

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

A parte introdutória do capítulo, descrita na Figura 8, com o título: A língua em foco e o subtítulo; As Variedades Linguísticas, que explana sobre a variação linguística, a princípio traz uma conversação entre os três personagens, por meio da utilização do gênero textual tirinha, de Fernando Gonsales. Logo em seguida, trabalha uma atividade, Figura 9, com alguns questionamentos que levam em conta a leitura e a interpretação desse pequeno texto.

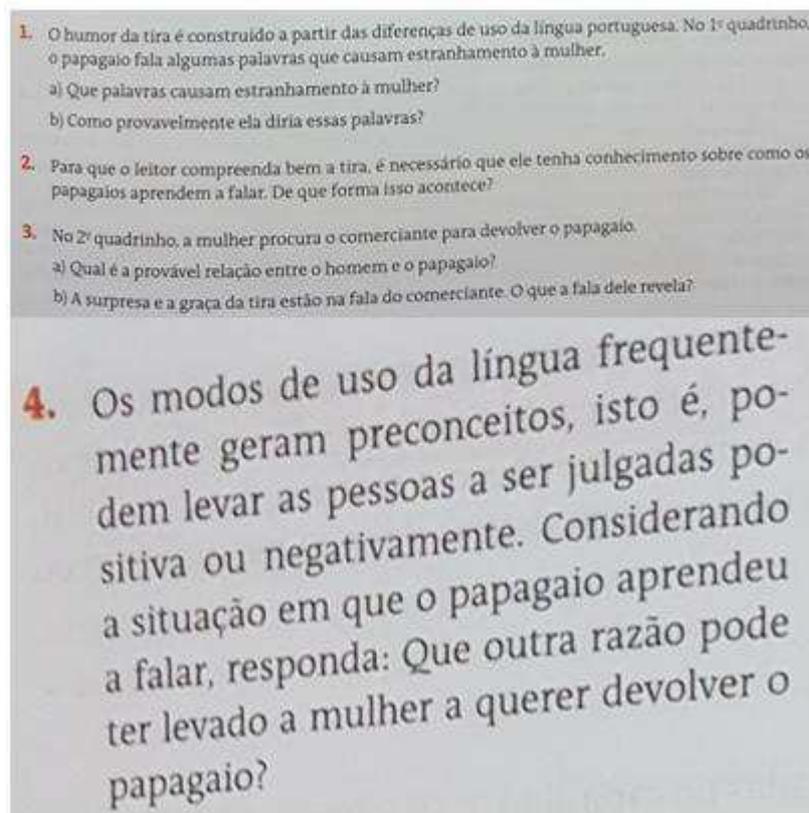
Figura 8 – A língua em foco / As variedades linguísticas



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.39).

Pode-se perceber, nesse questionário, Figura 9, nas três primeiras questões, que os autores iniciam os ensinamentos sobre os conceitos de interpretação e compreensão do texto, além de inferir também ao leitor a ideia de diferença quanto à utilização da língua portuguesa. No final dele, precisamente na última questão, a quarta, os autores promovem uma reflexão junto ao leitor, discente, no tocante ao modo de falar “certo ou errado”. E o que isso poderia acarretar tanto positiva quanto negativamente na vida pessoal e acadêmica, pois poderiam ser vítimas de preconceitos linguísticos e/ou sociais.

Figura 9 – Questionamentos



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39-40).

Na verdade, se observa que não há a intenção dos autores em contextualizar o porquê, no caso do papagaio, que repetia a fala do seu dono, trocava a letra L pelo R, por exemplo. A única preocupação é a de enfatizar o “errado” e apresentar a forma padrão e “correta” a ser seguida.

Diante desses fatos, fica notório que é dever do docente estar preparado para enfrentar e combater quaisquer preconceitos que possam surgir, bem como disseminar o conceito de que a língua não é algo cristalizado, estanque, pelo

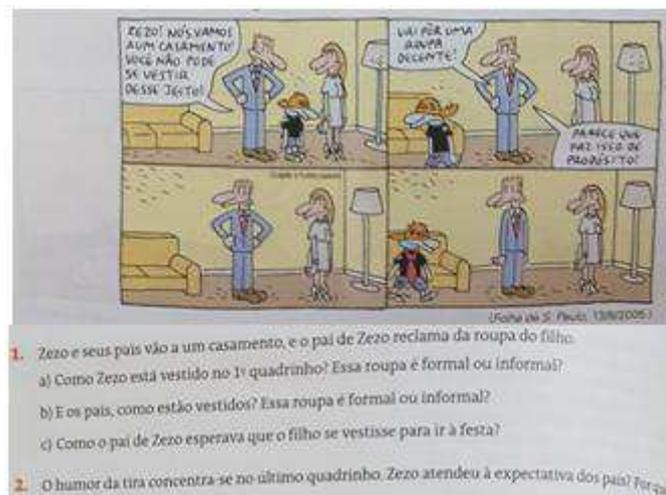
contrário, modifica-se ao longo do tempo, em conformidade ao contexto histórico e social à época. Além disso, outro ponto crucial que deve ser explanado pelos autores e docentes é a explicação científica e contextualizada da mudança que pode ocorrer nesse caso específico do L por R nos encontros consonantais. Relatar que se trata de nada mais do que uma tendência simples e natural da língua portuguesa, desde o latim, chamado *Rotacismo*, e que acontece em diversas regiões do país.

Adiante, os autores Cochar e Cereja (2015, p. 40) conceituam sobre o tema - variedades linguísticas, descrevendo-o da seguinte forma: “são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada”.

Logo abaixo, ainda na mesma página, tecem agora, comentários relacionados às variações do tipo: geográficas, idade, profissão e escolaridade que a língua pode sofrer de acordo com cada um desses fatores. Nesse caso, observa-se algo positivo na maneira na qual o tema foi abordado, pois ao iniciarem o capítulo, não foram direto ao ponto, a entregar ou impor o conceito, fizeram com o que os leitores conhecessem e refletissem um pouco sobre ele e assim pudessem, juntamente com os seus conhecimentos e experiências de vida, inferirem os próprios conceitos no ato da leitura e interpretação textual.

Mais uma vez, a metodologia empregada para a segunda atividade, da página 41, traz o gênero textual tira de Adão Iturrusgarai, com dois questionamentos. É o que mostra a figura 10, abaixo.

Figura 10 – Gênero tira e perguntas



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 41).

Ao apresentarem a ilustração acima, os autores se utilizam do humor para, de forma mais leve e descontraída, criar uma analogia das vestimentas dos personagens à língua e assim, apresentar os conceitos de adequação e inadequação, pois com a língua não seria diferente, ela varia de acordo com a devida ocasião. Depois, exemplificam que em determinadas situações se fará necessária a utilização da variação formal da língua, como no ambiente escolar. Em outros contextos, como o cotidiano familiar e o bairro em que se vive, não há a necessidade da utilização dessa forma padronizada, a informalidade pode ser empregada. O principal mesmo é saber que todas as variedades linguísticas têm a sua importância e que o primordial é como fazer o uso delas adequadamente a cada situação.

Mais adiante, ainda na mesma página 42, a abordagem dada é sobre os tipos de variação linguística e os motivos pelos quais essas variações podem ocorrer.

Na ilustração abaixo, Figura 11, os autores abordam, de maneira sucinta, alguns outros tipos de variação linguística. Eles destacam as diferenças de lugar e região, a escolaridade e classe social, oralidade e escrita, a formalidade e informalidade e a gíria. Isto posto, pode-se verificar facilmente que apenas esse diálogo entre os dois personagens é insuficiente para demonstrar e contextualizar as abordagens feitas pelos autores ao tema proposto. Dessa forma, caso o docente não tenha o conhecimento a respeito do tema ou não tenha o interesse em buscar novos métodos de ensino e novas fontes de pesquisa, o conhecimento dos discentes ficará bastante descontextualizado, limitado e precário, deixando uma lacuna enorme no ensino/aprendizagem desse indivíduo.

Figura 11 – Tipos de variação linguística

**Tipos de variação linguística**

As variações de uma língua podem ocorrer por diferentes motivos. Conheça, a seguir, alguns deles.

**Diferenças de lugar ou região**

Diferenças geográficas têm relação com variações da língua. Por exemplo, algumas cidades do interior usam uma variedade linguística diferente da falada na capital: o português falado no Rio Grande do Sul é diferente do falado em Pernambuco ou no Pará; o português falado no Brasil é diferente do falado nos países africanos de língua portuguesa.

As diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais. Veja um exemplo na tira a seguir.



Fonte: Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

Figura 12 – A LP no mundo

**A língua portuguesa no mundo**

A língua portuguesa tem presença significativa em quatro continentes. Além de ser falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos - Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.

Fonte: Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

A análise continuada na Figura 12, os autores destacam, por meio de um recorte, os quatro continentes, bem como os países falantes da língua portuguesa e



Ao se deparar com a Figura 14, nesses dois recortes, claramente se observa como o léxico da língua portuguesa de Portugal e do Brasil é tratado demasiadamente limitado. Ao tratar apenas da diferença na escrita da grafia dessas palavras trazidas no texto, os autores não facilitam o ensino/aprendizagem, pois por muitas vezes, os próprios docentes não têm o conhecimento ideal do léxico lusitano, ou até mesmo o porquê do adjetivo relacionado ao nascido em Portugal, ser lusitano. O ideal é que a contextualização histórica de fácil leitura e breve esteja presente às atividades propostas.

Figura 14 - Filmes em Portugal / Recorte português lusitano e brasileiro

**Filmes em Portugal**  
As diferenças entre o português brasileiro e o lusitano também se refletem nos nomes dos filmes. Veja algumas delas:

<i>A bela e a fera</i>	<i>A bela e o monstro</i>
<i>Arquivo X</i>	<i>Ficheiros secretos</i>
<i>O gordo e o magro</i>	<i>Bucha e estica</i>
<i>O professor aloprado</i>	<i>O professor chanfrado</i>
<i>Querida, encolhi as crianças</i>	<i>Querida, encolhi os miúdos</i>

Fonte: Marcelo Duarte. *Guia dos curiosos — Língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003, p. 80.

Tente descobrir a correspondência entre as seguintes palavras do português brasileiro e do português lusitano. Indique-a em seu caderno.

<b>Brasil</b>	<b>Portugal</b>
a) calcinha	gelado
b) caqui	miúdo
c) fila	cueca
d) garoto	bicha
e) salva-vidas	dióspiro
f) sorvete	banheiro
g) telefone celular	telemóvel
h) bola	esférico

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 50).

Em face do exposto, pode-se afirmar que as atividades aqui analisadas não são tratadas com a contextualização dos aspectos históricos, por exemplo, qual a origem da língua portuguesa, quando e como chegou ao Brasil e o que ocorreu para chegar a esse patamar atual. Fatores primordiais para um bom entendimento e aprendizado de todos, já que o livro didático, às vezes, é utilizado como única e exclusiva fonte de pesquisa. Assim, não sendo capaz de sanar as dúvidas existentes ao longo do caminho. Não só sobre a variedade linguística, mas em quaisquer situações na vida acadêmica.

Com isso, fica claro e notório que outras fontes de pesquisas devem ser empregadas, a fim de minimizar ou até mesmo preencher as lacunas ainda presentes no LD. Este por sua vez, precisa ser adaptado à realidade dos discentes de cada região desse país de dimensões continentais e com grandes variedades dialetais. A região Nordeste, por exemplo, poderia ser contemplada com essa mudança, estudar as variações do léxico, por meio das condições geográficas,

sociais e culturais, presente nos vários sotaques, contextualizando-os. Em seguida, poder disseminar para os demais estados da federação.

O modelo proposto para isso pode ser a sequência didática fundamentada nos autores Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz.

Para o conteúdo ser trabalhado, possivelmente, em 03 momentos, por exemplo. No primeiro, apresentar e introduzir a contextualização histórica, desde a sua origem, Roma, onde a língua latina era utilizada, até a chegada desses romanos à Península Ibérica. Logo em seguida, no segundo momento, discorrer sobre a formação do português em Portugal, bem como a chegada desses portugueses ao Brasil. Para o terceiro momento, tratar desse conteúdo a partir do LD, já que os discentes agora possuem os conhecimentos prévios necessários para um aprendizado adequado, contextualizado.

Essa é sem sombra de dúvidas uma maneira mais adequada e porque não dizer, mais eficaz para se estudar/ensinar a história da língua portuguesa e assim, tornar esse ensino mais presente, efetivo e produtivo ao discente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa análise do livro didático, foi possível observar que houve um ganho considerável no tocante aos conhecimentos adquiridos, desde a gênese da língua latina, seguindo pela chegada dos romanos à PI, promovendo uma discussão sobre as diversas variações linguísticas ao longo do tempo nessa língua, transformando-a em galego-português; tratamos da chegada dos portugueses ao Brasil, e de como a LP foi implantada no novo território. Foi possível também fazer algumas considerações sobre como a maioria dos livros didáticos abordam o tema. A cerca da contextualização da gênese e a variação lexical da língua portuguesa no decorrer do tempo, percebe-se um avanço ainda limitado no ensino, já que não consegue abranger e socializar, como de fato as mudanças na história da língua ocorreram na sociedade. Além disso, é perceptível também a necessidade de se modificar o atual modelo de ensino/abordagem adotado e introduzir uma nova metodologia a ser empregada, a fim de trabalhar o motivo das variações presentes na língua e assim, evitar preconceitos linguísticos e sociais que perduram através dos tempos e muitas vezes dificultam o ensino/aprendizagem dos discentes. Para isso, traçamos um percurso histórico desde a formação da língua latina até a constituição da língua portuguesa no Brasil e, além disso, como se deu o processo de ensino da história dessa língua.

Nesse contexto, constatamos que o LD ainda vem sendo utilizado como único modelo e ferramenta pedagógica de ensino. Por isso, se faz necessário que o docente busque outras fontes de pesquisa para apresentar o conteúdo, pois apenas o LD é incapaz de alcançar todos os objetivos necessários para que haja uma educação de qualidade. O docente deve exercer o seu papel fundamental de mediador do ensino e buscar sempre introduzir outras técnicas e fontes de pesquisas, adquirir novos conhecimentos e assim, desenvolver novos e atrativos métodos que possam vir a preencher as lacunas presentes no LD. Por fim, salientemos que se trata de um trabalho inconclusivo e por isso, está aberto a outros olhares que possibilitem o aperfeiçoamento no ensino da história da LP.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. C. de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: <[http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia\\_da\\_lingua\\_portuguesa\\_1360184313.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- BAGNO, M. **Gramática Histórica do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- CASTILHO, A. **Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa?** São Paulo, p. 1-41, 2009. Disponível em: <<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Como-onde-e-quando-nasce-a-lingua-portuguesa.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- COUTINHO, I. S. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Novo Milênio, 2011.
- GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. **História da língua**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- GOULARTE, R. da S. **O 'ensino' do português para os índios do Brasil: um percurso de intenções**. Associação de Leitura do Brasil. 2016. Disponível em: <[http://alb.org.br/alb.org.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03\\_04.pdf](http://alb.org.br/alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem04pdf/sm04ss03_04.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo, Contexto, 2006.
- RODRIGUES, J. H. A vitória da Língua Portuguesa no Brasil. In: Humanidades: v. I, n. 4, Jul./Set. de 1983.
- RODRIGUES, M. L.; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 20. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.